

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE PSICOLOGIA

JOANA D'ARC BRECKENFELD RICARTE CUNHA

A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DE SUA VIDA E ESCOLHAS:
SOB A VISÃO DA GESTALT-TERAPIA

NATAL/RN

2017

JOANA D'ARC BRECKENFELD RICARTE CUNHA

**A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DE SUA VIDA E ESCOLHAS:
SOB A VISÃO DA GESTALT-TERAPIA**

Relatório final de estágio supervisionado
apresentado como requisito de avaliação
para obtenção do diploma de conclusão
do curso de Psicologia do Centro
Universitário do Rio Grande do Norte -
UNIRN

Orientadora: Profa M.Sc. Mariana Cela.

NATAL/RN

2017

JOANA D'ARC BRECKENFELD RICARTE CUNHA

**A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DE SUA VIDA E ESCOLHAS:
SOB A VISÃO DA GESTALT-TERAPIA**

Relatório final de estágio supervisionado
apresentado como requisito de avaliação
para obtenção do diploma de conclusão
do curso de Psicologia do Centro
Universitário do Rio Grande do Norte -
UNIRN

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. M.Sc. Mariana Cella
Professora Orientadora

Esp. Marina Furtado Mendes de Assis
Convidada Leitora

Profa. Rocelly Cunha
Coordenadora do Curso de Psicologia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que está presente em todos os momentos de minha vida e não somente nestes anos como universitária, mas que para mim, é o mestre de todos os mestres.

Ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN), seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a visualização de um horizonte superior, e sempre trabalharam com competência valorizando o mérito e a ética.

A minha orientadora Mariana Cella, pelo suporte nesse ano tão atribulado, em que concorremos com sua festa de casamento, onde parecíamos filhos ciumentos, sempre pedindo mais atenção. Agradeço muito a sua eterna calma e gentileza em suas correções e incentivos.

Agradeço a todos os *professores* por proporcionarem o conhecimento, não apenas profissional, mas na formação do caráter e da ética. A palavra mestre, nunca fará justiça aos *professores* dedicados aos quais sem necessidade de mencionar seus nomes, terão a minha eterna gratidão.

A minha mãezinha, Antonia, que sempre foi meu alicerce e me dedica muito amor, sendo minha principal incentivadora durante toda minha vida e curso.

Ao meu pai (in memoriam) que sempre me incentivou e se emocionava com cada vitória alcançada.

A meu esposo, Cláudio Luís, por ter entendido minha parcial ausência nesses cinco anos, principalmente nos períodos de provas e trabalhos.

A filha mais fofa do mundo, Ana Luísa, por sempre me amparar nos momentos que me sentia sufocada com os trabalhos e provas e por ter entendido minhas ausências.

A meu gato Eddy, seria impossível não citá-lo, estava sempre presente em meus momentos de estudo.

A meus irmãos, Júlio e Marco, que apesar da distância, sempre acreditaram em mim, demonstrando interesse em como estava à faculdade e vibrando a cada conquista realizada.

A meus maravilhosos amigos Saulo e Karenina, que foram meus maiores incentivadores a iniciar o curso de Psicologia, em um momento que já não acreditava em meu potencial, eles conseguiram fazer toda a diferença.

A minha amigona Daiane Bottega, que chegou apenas na metade do curso, mas conquistou toda a família com seu jeito amigo, sincero e inteligente.

A minha amiga Maria Luíza Medeiros, que desde o início sempre acreditou em meu potencial, mesmo nos momentos que eu duvidava de mim.

Aos colegas da supervisão: Idelbrando, Marquidones, Daiane, Maryanne, Carla Raquel e Helena, que nossa amizade ultrapasse os muros da universidade.

Aos amigos de sala de aula: Monica, Lizandra, Alice, Jailza, Juliana Guedes, Felipe, Wirving, Maryanne e Jordana, que sempre foram presentes nas conversas de corredor e nos trabalhos de sala de aula, graças a vocês meu ano acadêmico se tornou leve.

A professora Geórgia, que é nossa coordenadora das Clínicas Integradas UNI-RN e que também tive o prazer de ser aluna e sua monitora de Medidas I e II, sempre foi extremamente atenciosa, organizada e correta em suas colocações com os alunos.

A Ivanildo e Francenildo, funcionários da clínica integrada do UNI-RN, que sempre foram extremamente atenciosos e prestativos.

A todos que direta ou indiretamente me apoiaram nessa caminhada, fazendo parte de minha formação.

“O que é necessário para mudar uma
pessoa é mudar a consciência de si
mesma.”

(Abraham Maslow)

RESUMO

O presente trabalho é um estudo de caso do estágio obrigatório do último ano do curso de Psicologia que ocorreu na Clínica Integrada do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, através da psicoterapia individual a adolescentes e adultos. A abordagem escolhida para nortear os atendimentos clínicos foi a Gestalt-terapia e sua perspectiva fenomenológica-existencial, que proporcionou uma imersão importante em seus conceitos e dinâmicas assegurando suporte teórico para contribuir com o desenvolvimento do caso escolhido. Objetivou-se fazer com que o paciente se enxergasse como um ser de possibilidades, que dispõe da liberdade existencial para fazer suas próprias escolhas. Diante disso, a psicoterapia se baseou em produzir um trabalho para favorecer que a paciente tomasse propriedade do ontológico dever de escolher e de como ela se percebe no mundo, passando a olhar para si, reconhecendo as possibilidades que surgem em seu dia a dia. A paciente escolhida para o desenvolvimento da narrativa do estudo de caso tem quarenta e três anos é casada e trouxe o discurso da insatisfação profissional e amorosa em sua vida.

Palavras-chave: Psicologia. Paciente. Gestalt-terapia. Insatisfação profissional. Escolhas.

ABSTRACT

The present paper is a case study of the mandatory internship in clinical psychology that took place in the Integrated Clinic of the University Center of Rio Grande do Norte, through the practice of individual psychotherapy to adolescents and adults. It is based on the Gestalt-therapy principles, and its phenomenological-existential perspective, which provided an important immersion in its concepts and dynamics, assuring theoretical support to contribute to the development of the chosen case, which aimed to make the client recognize himself as a being of possibilities, who has the existential freedom to make their own choices. Faced with this, the psychotherapy aims to favor the client take ownership of the duty to choose and how it is perceived in the world, starting to look at themselves, recognizing the possibilities that arise in their day by day. The patient chosen for the development of the case study narrative is a forty-three years old married woman, and she brought the discourse of professional and loving dissatisfaction in her life.

Keywords: Psychology. Patient. Gestalt therapy. Professional dissatisfaction. Choices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 FENOMENOLOGIA.....	10
2.2 EXISTENCIALISMO	11
2.3 HUMANISMO	14
2.4 GESTALT-TERAPIA	15
2.5 CONCEITOS FUNDAMENTAIS	16
2.5.1 Ajustamento criativo	16
2.5.2 Aqui e agora.....	16
2.5.3 Awareness.....	17
2.5.4 Campo.....	17
2.5.5 Experimento	18
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO.....	19
4 ESTUDO SOBRE O CASO CLÍNICO	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte norteia o trabalho do último ano através das práticas organizacionais e clínicas, conforme a escolha do aluno, tudo é feito com o acompanhamento dos orientadores das devidas abordagens. Esse trabalho foi desenvolvido na opção da área clínica, sendo os atendimentos feitos na clínica escola da própria universidade em questão.

Nesse trabalho primeiramente será exposto todo o referencial teórico da Gestalt-terapia, o qual nos deu base para o início dos estudos da abordagem escolhida, determinando um bom suporte de teoria para os atendimentos aos pacientes.

Será descrito um pouco da história da Gestalt-terapia e de como se dá seu desenvolvimento. A escolha dessa abordagem foi feita por acreditar em seus fundamentos e na visão de homem e por dar a oportunidade do mesmo desenvolver suas capacidades e potencialidades, através da compreensão e ressignificação do sentido de sua vida.

Os conceitos fundamentais da Gestalt-terapia também serão citados, não havendo a possibilidade de todos serem abordados, mas os citados farão parte do desenvolvimento dos casos atendidos na clínica escola.

A segunda parte deste trabalho foi elaborado a partir de um estudo de caso clínico, escolhido conforme os atendimentos feitos na Clínica Integrada do UNIRN. O caso abordado é sobre uma paciente que não consegue se posicionar conscientemente em suas escolhas, fazendo com que se sinta prejudicada em seu ambiente de trabalho e em suas opiniões frente ao esposo. O atendimento será fundamentado de uma maneira que ela tome consciência de suas necessidades de escolhas, ocasionando o desenvolvimento de um modo de ser autêntico fazendo com que a mesma possa assumir alguma posição em seu ambiente residencial e de trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho tem por base a Gestalt-terapia e para compreendê-la é necessário revisitarmos suas bases filosóficas, que são a Fenomenologia, Existencialismo e Humanismo.

2.1 FENOMENOLOGIA

Husserl, na segunda metade do século XIX, começou a frequentar os cursos de Franz Brentano, sofrendo grande influência do mesmo, o que o fez se dedicar e buscar uma nova concepção em que não se poderia pensar em um método único, devido à existência de várias ciências, cada uma com sua peculiaridade, variando também sua percepção e metodologia (REHFELD, 2013). Dessa maneira, Husserl voltou-se para a realidade, a verdade e de como surgia o fenômeno, fazendo assim emergir a fenomenologia, como um método para a busca da verdade (RODRIGUES, 2011).

A Fenomenologia surge como uma tentativa de análise do fenômeno enquanto fenômeno. Dessa maneira, as generalizações, na vã tentativa de compreensão do homem, são deixadas de lado e apenas a singularidade de cada fenômeno é que passa a ser considerada. Se por um lado parece extremamente simples analisar o fenômeno pelo próprio fenômeno, por outro, essa tarefa se reveste de modo bastante complexo na medida em que sempre temos um conceito apriorístico sobre os fenômenos. Analisá-los como fenômenos sem preconceito significa desrevestir-se de valores muitas vezes enraizados ao longo de anos de reflexão (ANGERAMI, 2007, p. 74).

Rehfeld (2013) cita que Fenomenologia significa o estudo dos fenômenos e também como se é tomada a consciência. A consciência é uma dinâmica entre sujeito e objeto, onde tudo recebe seu sentido e valor. A consciência é a consciência no mundo e vincula-se ao mundo por meio do corpo e é através desse corpo que podemos nos relacionar, com as coisas e com os outros.

Conforme verificado em Rodrigues (2011, p.39):

Husserl faz da fenomenologia um método para a busca da verdade, porém partindo de um questionamento básico, que é o “como podemos perceber a verdade?” Ao responder tal pergunta, Husserl percebeu que antes de perceber “a verdade” ou perceber “qualquer coisa”, ele percebeu que percebe e que, ao assim fazê-lo, concluiu o que o ato mais originário, mais prioritário na apreensão da verdade é o ato de “perceber o percebido”: eu

“percebo” algo que é percebido e só é possível para mim, perceber algo simultaneamente ao fato de haver algo para que eu possa perceber. Assim, temos aqui uma estrutura elementar que não é passível de qualquer subdivisão, que é a estrutura formada pelo ato de perceber o conteúdo percebido. Ou seja, a todo “pensar”, haverá simultaneamente um “pensado”; a todo “imaginar”, haverá um “imaginado”; a todo lembrar, haverá um lembrado e assim por diante. Ou seja, a consciência sempre será a “consciência de”, uma consciência que visa algo, que intenciona algo (consciência intencional).

Verifica-se que para a Fenomenologia é mais importante à utilização da palavra “como”, para a busca da verdade, pois é através dela que se procura observar e descrever os fenômenos, antes de tentar entendê-los ou interpretá-los, prevalecendo sempre uma visão sem preconceitos.

Para que se faça realmente fenomenologia, é preciso suspender todo e qualquer posicionamento ontológico e toda realidade empírica. Dessa maneira, surge a Redução Fenomenológica, o instante em que é colocado entre parênteses, ou suspenso, o senso comum, é o momento em que se pode captar a essência ou o sentido das coisas de como o “outro” percebe, uma vez que essa percepção acontece de forma diferente para cada pessoa (REHFELD, 2013).

2.2 EXISTENCIALISMO

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a Europa encontrava-se em uma grande crise, fazendo surgir um ambiente hostil, que atingiu principalmente os jovens e tornou o homem descrente com a sociedade que se formava após a guerra, no meio de todo esse caos surge o movimento existencialista, ocupando todo o continente europeu e o mundo (PENHA, 2001).

Conforme Angerami (2007), Soren A. Kierkegaard (1813 -1855) é considerado o pai do existencialismo, os pensadores dessa filosofia trabalhavam com a valorização da própria existência pessoal. Essa forma de pensar está presente em todas as obras existencialistas, em companhia com a liberdade individual de seus pensadores, em escrever de maneira que não se atenham a regras formais. Utilizando-se de construções poéticas, criou-se uma das principais particularidades do Existencialismo. Ficou caracterizado que essa seria uma maneira de se ter a expressão de experiências singulares, individuais e pensamentos motivados por situações particulares, que seriam pensamentos que se

rebelariam contra o quietismo e a resignação proposta por algumas correntes filosóficas.

Segundo Ewald (2008), a análise da existência que essa corrente filosófica propõe é que a existência seja o modo de ser do homem no mundo, sem questionar o ser já constituído. A análise dessa existência surge da relação de troca do homem com o mundo tornando assim o tema único da filosofia existencialista.

Penha (2001, p. 13) defende que “o existencialismo seria a expressão de uma experiência singular, individual, um pensamento motivado por uma situação particular.” Essa filosofia trata diretamente da existência humana, sendo centrada na análise do homem particular, individual, concreto.

Ainda conforme o autor, Heidegger surgiu sendo apontado como existencialista, mas não aceitava esse título, apesar de muitos autores o apontarem como iniciador do movimento. Ele criou uma linguagem típica para que fossem evitados os termos filosóficos clássicos, tinha a ideia de revestir um significado particular as palavras, formando assim um vocabulário próprio do existencialismo, como exemplo, o termo Dasein.

Dasein, é o ser que se encontra aí, é o ente, é tudo aquilo de que falamos, é o ser singular concreto, é o ser aí. Distingue-se dessa forma, do Stein, o ser em geral, aquele que engloba tudo. O Dasein não designa o ser em geral, e sim o ser humano, o ente que pergunta pelo sentido do Ser... O Dasein é um “Ser-no-mundo”, ou seja, um “Ser-lançado-no-mundo”, ligado a realidade concreta das coisas, caracterização que Heidegger resume como facticidade, por oposição a transcendente, aquilo que está além da experiência. O “ser-no-mundo” implica a relação do Dasein com outros Dasein, que coexistia com eles, o que o torna um “ser-com”. Existindo o Dasein existe no tempo, dimensão essencial do “ser-aí”. É através da temporalidade, - logo, da existência - que o Dasein adquire sua essência... O dasein é nossa existência cotidiana, é o indivíduo, é o homem (PENHA, 2001, p. 29).

Outro ponto importante para o Existencialismo é a morte, tema que sofreu ataques dos adversários ao movimento, diziam que a persistência com esse assunto tão fúnebre, proporcionava ao existencialismo uma característica sombria. Heidegger citava que a morte era a possibilidade extrema da existência, que seria para onde o “ser-no-mundo” se encaminha. Ele também falava que a morte era o fim da existência individual e que acontece geralmente de maneira inesperada. Devido essa possibilidade de ser tão certa ao homem e ainda acrescentando o inevitável e o inesperado, o homem se torna inautêntico perante essa visão. Pois ela é a

experiência mais pessoal e que em hipótese alguma poderá ser transferida a outro. Isso faz com que o “ser-no-mundo” fuja da angústia da morte (PENHA, 2001).

Somente quando o homem compreende sua morte, tomando consciência que esse é o último acontecimento de sua vida e que é um evento particular, ele se dá conta de alcançar sua autenticidade quando se depara de não ter mais o medo lhe rondando.

Segundo descrito por Penha (2001), Sartre não vê a morte da mesma maneira que Heidegger, Sartre apenas entende que ela não deve exercer um lugar fundamental nos temas existencialistas.

De acordo com Ewald (2008) o existencialismo atinge seu ponto de destaque com Jean Paul Sartre, após a publicação de *O Ser e o Nada* em 1943, que concebeu grandes críticas da direita católica e da esquerda comunista. Sartre confiou que na conferência que ocorreu em outubro de 1945, ele teria a chance de se defender e esclarecer as dúvidas sobre a filosofia existencialista, no momento dessa conferência ele admitiu o título de existencialista.

Penha (2001) afirma que Sartre formou a caracterização das correntes existencialistas, em que a fórmula principal é de que a existência precede a essência. A existência seria o concreto e a essência o abstrato. Para o existencialismo, esse preceito de que a existência precede a essência, tem apenas valor para o homem, por ser o único que dá entendimento a essa condição. A essência do homem aparece como algo resultante de seus atos, daquilo que ele faz de si mesmo, algo a se realizar. Resumindo, o homem primeiramente existe, descobre-se, surge no mundo e só depois se define, ele possui essa possibilidade de definição após seu surgimento, porque apenas ele é livre, ao contrário dos outros seres, a cada momento o homem deve fazer suas escolhas, fazendo com que seja construído a cada dia.

É através da liberdade, que a capacidade do indivíduo de decidir sobre sua vida escolhendo e se responsabilizando por essas escolhas, que o homem constitui sua essência e busca realizá-la. São as escolhas que fazem o homem constituir sua essência, permitindo-se dessa maneira criar seus valores. Não há como fugir das escolhas, porque mesmo se recusando a escolher essa já é uma escolha (PENHA, 2001).

O mesmo autor afirma conforme o defendido por Sartre, que o homem impede de ser tornar objeto, no momento que faz prevalecer sua subjetividade, tornando essa a origem da doutrina filosófica (PENHA, 2001).

Segundo Penha (2001, p. 48):

[...] Sartre, declara que o homem é angústia. Isso significa que, reconhecendo-se livre, ele percebe que não é apenas o que escolheu ser, mas também um legislador que, ao escolher para si mesmo, escolheu também para a humanidade inteira. O indivíduo se angustia porque se vê na situação de escolher sua vida, seu destino, sem buscar orientação ou apoio em ninguém. Sente-se desamparado. Livre, sendo o projeto que fizer para si, responsável por seu próprio destino, já não há mais desculpas para ele. “Não está descrito em parte alguma – escreve Sartre – que o bem existe, que é preciso ser honesto, que não devemos mentir.” Sozinho – e sem desculpas – o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; mas livre, porque, lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer.

Ainda segundo o autor, Sartre defende que o existencialismo é uma tese otimista, fundamentada em atitudes, pois com o desespero e a angústia o homem é obrigado a produzir uma ação.

2.3 HUMANISMO

A psicologia humanista surgiu da necessidade de se ampliar a visão de homem, sendo contrária a várias teses da psicanálise e do behaviorismo, teorias dominantes na época. Para os humanistas a dimensão não consciente e o comportamento observável, era apenas uma das perspectivas do homem. Os humanistas também se opuseram a psicanálise, onde os estudos eram focados nos neuróticos e psicóticos, sem verificar que havia a possibilidade do homem saudável. Eles eram contrários há essas duas correntes porque elas se concentravam em partes do homem e não no todo (MENDONÇA, 2013).

Conforme Mendonça (2013) para os humanistas as outras teorias se focavam apenas no lado obscuro da personalidade do homem, e com isso a psicologia perdia a força e as potencialidades das pessoas, e que deveriam ser trabalhados os conceitos de recuperação, de auto realização, de liberdade e do homem consciente.

Segundo Ribeiro (2012) o homem deve sempre procurar conhecer a si mesmo, para compreender seus poderes e limites, entendendo a si ele vai em

direção a apreender o mundo e a perceber sua liberdade no mundo. Com essa visão a frase de Sócrates, em que ele diz: “Conhece-te a ti mesmo”, é visionária, pois conhecer a si mesmo é ter a autonomia de administrar sua vida, evoluindo a partir de dentro, compreendendo cada ciclo vivenciado.

2.4 GESTALT-TERAPIA

Frederick S. Perls é considerado por muitos o criador da Gestalt-terapia. Sua formação se deu inicialmente na psicanálise, e após o lançamento de seu livro *Ego, Fome e Agressão*, foi desligado do meio psicanalítico devido a uma série de controvérsias com alguns fundamentos (RODRIGUES, 2011). Quando Perls se viu fora da psicanálise, procurou se dedicar a um novo campo clínico, dando início ao “grupo dos sete”, constituído por Fritz Perls, Laura Perls, Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman e Elliot Shapiro, posteriormente Ralph Hefferline juntou-se ao grupo. Nesse grupo desenvolveu-se o primeiro livro sobre a Gestalt-terapia, com o mesmo título da abordagem, que foi escrito por Perls, Goodman e Herfferline (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

No tópico Apresentação, da obra citada acima, Frazão diz que (1997, p.10):

Uma das importantes contribuições da Gestalt-terapia refere-se a visão holística do homem, o qual é concebido como ser bio-psicossocial, sempre em interação com seu meio, isto é, leva-se em conta não apenas o que ocorre com a pessoa em sua totalidade, mas também o contexto no qual isto ocorre.

A Gestalt-terapia traz o tempo presente como sua maior força, não que ela desconsidere o passado, pois sabemos que uma “causa” no passado pode vir a influenciar o presente, então devemos focar em como essa “causa” se manifesta no presente, aparecendo como algo aberto que necessita de um fechamento, formando assim o trabalho da Gestalt-terapia que visa o aqui e agora (RODRIGUES, 2011).

De acordo com Rodrigues (2011) ao lidarmos com o presente devemos nos questionar sobre o que merece atenção no aqui e agora, não devemos nos focar apenas no discurso verbal, ou só no comportamento, ou apenas no mapeamento corporal. Devemos verificar todos esses aspectos, mas verificar como esses aspectos acontecem no presente, no aqui e agora, temos que lidar com a situação

como um todo, o presente e o que acontece nele, vendo a intensidade do todo físico e emocional.

Conforme descrevemos o que está sendo percebido, falamos de coisas e situações que estão acontecendo “aqui”, isso nos faz perceber que vivemos em um campo vivencial, lugar que recebemos interferências do meio e também interferimos, não há como se isolar desse meio, mesmo podendo se diferenciar nesse espaço, somos ser-no-mundo (RODRIGUES, 2011).

2.5 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

2.5.1 Ajustamento criativo

“Ajustamento criativo é o processo pelo qual o corpo-pessoa, usando sua espontaneidade instintiva, encontra em si, no meio ambiente ou em ambas as soluções disponíveis, às vezes aparentemente não claras, de se autorregular” (RIBEIRO, 2006, p. 64).

Segundo Cardella (2014), ajustar-se criativamente é poder sentir a vida em um fluxo, onde a interação com os outros e os acontecimentos são fundamentais, dessa forma o homem assume a responsabilidade e a constituição de seu destino, ou seja, tudo está em suas mãos, o homem é livre e responsável de como irá viver suas experiências.

O homem é capaz do ajustamento criativo a partir do momento que ele se vê em um posicionamento singular, que será diferente de seu posicionamento tradicional, dessa maneira ele irá se reinventar, tornando essa capacidade uma apropriação de experiências que acontecem no encontro com o diferente.

2.5.2 Aqui e agora

Quando digo aqui e agora, refiro-me a três coisas, ao mesmo tempo. Refiro-me a um sujeito que observa, ao espaço e ao tempo, e a certa relação que une essas três coisas. Quando digo aqui e agora, posso estar falando de presença e de ausência, posso estar falando de liberdade e de escolha. Escolha como um momento de liberdade e vice-versa. Também estou dizendo que, neste espaço (aqui) e neste meu tempo (agora), antevejo meu amanhã, vejo-me não só vivendo neste espaço e neste tempo, mas também me projetando no amanhã, em outro espaço e em outro tempo (RIBEIRO, 2006, p. 70).

Conforme Rodrigues (2011), o passado e o futuro são extremamente importantes, por fazerem parte efetiva de nossas vidas, pois temos desejos e sonhos, mas também temos lembranças do que vivemos. Ou seja, temos o passado incluído em nossa memória junto a um futuro com todas as possibilidades que iremos enfrentar, fazendo com que fiquemos tremendamente mobilizados. Mas, utilizando a noção descritiva, vamos chegando à conclusão que todo o passado e todo o futuro, decidem um só momento, o presente. Não vivemos mais o passado, o que tínhamos que presenciar ou agir, realmente já passou, também não vivemos no futuro, diante do que virá temos apenas como esperar ou nos prepararmos, então temos que viver o presente, no aqui e agora, descrevendo nosso modo de ser ou agir, possibilitando um contato com as necessidades desse momento.

2.5.3 Awareness

Awareness é um caminho de mudança, um processo de integração harmoniosa pessoa-mundo de tal modo que fica na pessoa a sensação de fim de linha, de chegada de uma longa e difícil viagem, e, sobretudo, uma sensação de completude, de um chão fecundo em que as sementes já podem germinar. [...] É importante que a pessoa se dê conta de onde ela está, existencial e cognitivamente, o que não é fácil, pois só se muda de lugar quando se sabe onde se está. Referimo-nos a uma awareness prática, a um dar-se conta emocionalmente do que ocorre a nossa volta, porque é essa sensação que nos permite operar mudanças. Dar-se conta de quem se é é quase ser o que se é, uma junção harmoniosa do ser e do estar no aqui e agora da pessoa, pois awareness supõe um processo permanente de conhecer-se como do mundo e no mundo (RIBEIRO, 2006, p.76)

De acordo com Alvim (2014) a *awareness* se apresenta como a tomada de consciência, de uma maneira espontânea, que se manifesta da experiência do aqui e agora, englobando contato e sentimento, por meio desses pontos, produz-se um saber, que surge através de uma percepção de natureza transformadora. Dessa maneira, é possibilitada a ressignificação de algo, conforme as necessidades que irão surgindo, favorecendo assim o desenvolvimento de habilidades.

2.5.4 Campo

O campo é constituído de fatos interdependentes que estão acontecendo aqui-agora. Passado e futuro estão excluídos do campo, e é esse dado que conecta a teoria do campo diretamente a fenomenologia, que se preocupa com o resgate da experiência imediata. As lembranças de ontem e as preocupações do amanhã só podem ser consideradas campo quando a

peessoa as vive, aqui-agora, e, por intermédio delas, influencia e modifica seu comportamento (RIBEIRO, 2006, p. 83).

Segundo Ribeiro (2006), não podemos pensar na pessoa sem ou fora do meio, se pensarmos dessa maneira, com o todo separado, não se pode fazer nada por ela, pois não há como trabalhar com essa pessoa. Tem-se que trabalhar com o todo. Esse todo é que dará definição entre pessoa e meio, trazendo o significado das coisas e ocorrências do que acontece a sua volta. O campo só pode ser visto em sua totalidade. Se o campo for alterado ele todo se redesenha para que a pessoa tenha acesso aos seus elementos, fazendo com que ocorra um equilíbrio coerente. Dessa maneira verifica-se que só é considerado campo, as ocorrências que afetem diretamente a conduta do indivíduo em determinados momentos, isto é, o campo é formado de acontecimentos correlatos que estão desenrolando-se aqui-agora.

2.5.5 Experimento

O experimento é a pedra angular da aprendizagem por experiência e tem as seguintes finalidades: 1- expandir o repertório de condutas da pessoa; 2 - criar aquelas condições em que a pessoa possa ver sua vida como uma criação sua; 3 - estimular a aprendizagem experimental da pessoa e a elaboração de novos conceitos de si mesma a partir de criações no plano do comportamento; 4 - completar situações inacabadas e superar bloqueios no ciclo de consciência-excitação-contato; 5 – integrar compreensões intelectuais a expressões motoras; 6 – descobrir as polarizações das quais não se tem consciência; 7 – estimular a integração de forças pessoais em conflitos (ZINKER, 1979, p. 22 apud RIBEIRO, 2006, p.110).

De acordo com Ribeiro (2006), o experimento faz parte da vida, pois vivemos experimentando situações diariamente, devido a isso, a sessão de terapia não pode ser diferente, porque a vida é experimento. O terapeuta surge como facilitador do momento, lembrando sempre que o experimento deve ser pautado na ética, no respeito, no cuidado com o outro. Verificando sempre que há limites, mas sem tolher o outro, pois é uma oportunidade de descoberta de possibilidades.

O experimento propõe desenvolver a capacidade do paciente de estar consciente do seu momento existencial e emocional, estar em *awareness* (estar consciente de si e de seu ambiente), fazendo a conexão de seu contexto de vida de uma forma amplificada, procurando novas possibilidades e chances de se harmonizar (RODRIGUES, 2011).

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

O estágio é obrigatório, conforme histórico curricular da instituição, com orientação do MEC (Ministério da Educação e Cultura), ele é desenvolvido junto a clínica escola onde os atendimentos são feitos de forma individual, com a duração de cinquenta minutos por paciente, uma vez por semana, sendo esses atendimentos classificados como psicoterapia. Todos os atendimentos são registrados através do Resumo de Sessão e são devidamente arquivados na clínica.

Além dos atendimentos psicoterápicos, é desenvolvido na clínica o Plantão Psicológico, que tem o objetivo de suprir os atendimentos de urgência que a população pode vir a necessitar. Ele acontece em todos os dias da semana, sem a necessidade de agendamento prévio, onde cada aluno é responsável por pelo menos duas horas de plantão semanal. Há também o trabalho com terapias em grupos e avaliações psicológicas através de testes devidamente validados e autorizados pelo CRP (Conselho Regional de Psicologia), além dos atendimentos com fisioterapia, enfermagem, nutrição, educação física e serviço social. A clínica funciona de segunda a sexta, das 07h00min as 21h00min, e os horários de atendimentos ofertados são de acordo com a disponibilidade dos alunos estagiários e clientes.

Todas as atividades disponibilizadas na clínica escola passam pela supervisão de um docente. Com relação aos atendimentos da psicologia, o orientador se torna responsável por acompanhar um grupo de alunos, na devida abordagem escolhida, as supervisões são semanais com encontros que duram até quatro horas, com discussões teóricas, trocas de vivências e orientações sobre os casos atendidos.

Conforme esse contexto os atendimentos se desenvolverão como complemento do curso de Psicologia e também com a escolha de um dos casos atendidos, classificado como fundamental para ser incluído no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) em que será realizado um estudo detalhado e aprofundado da abordagem destacada.

4 ESTUDO SOBRE O CASO CLÍNICO

Através do estágio supervisionado na Clínica Integrada do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, tive a oportunidade de conhecer o desenvolvimento dos atendimentos da prática clínica individual de psicoterapia, onde pude realizar o atendimento de uma adolescente e três adultos, dentre esses escolhi um para fazer o Estudo de Caso.

A paciente escolhida chama-se Margarida (nome fictício), tem quarenta e três anos, casada, nível superior completo e atualmente trabalha em casa como Massoterapeuta. Ela se apresentou com um discurso de insatisfação no casamento e na vida profissional, sempre se mostrando inautêntica em suas escolhas. Seus atendimentos ocorreram no período de março a novembro do corrente ano, somando-se vinte e sete sessões.

Em sua primeira sessão Margarida chegou nervosa, com vontade de chorar, afirmou sofrer de depressão/ansiedade, porque “sinto tudo o que estava escrito na revista sobre depressão” (sic). Disse procurar a terapia porque além de sentir muita tristeza estava se tornando rude com as pessoas. Nessa sessão já relatou problemas com o esposo, no qual afirma ter dependência dela, citou como exemplo ter a obrigação de ir dormir diariamente às 21 horas mesmo não estando com sono. Ao final da sessão solicitei que Margarida quando sentisse vontade de chorar, ou estivesse triste, procurasse identificar qual o pensamento a deixou assim, para tentarmos reconhecer de onde vinha esse sentimento.

No atendimento seguinte Margarida apresentou-se mais calma, falou da sua necessidade de se encaixar em alguma profissão e que apesar da idade, não se sente feliz em nada do que faz, citando até que “hoje em dia eu estou massoterapeuta e que não sou massoterapeuta” (sic), referindo-se que está trabalhando em algo que julgava ter se encontrado e que na verdade não é exatamente o que quer, pois é um trabalho muito só. Falou de um sonho de criança em que pudesse ajudar aos outros, transmitindo conhecimento, como um professor ou palestrante.

Após essas duas sessões, fica destacado como queixa inicial os sentimentos depressivos que a paciente dizia ter, devido a vontade constante de chorar e com o sentimento frequente de tristeza. No decorrer dos encontros vai se salientando que sua demanda vinha da infelicidade profissional, com questões

relacionadas à dúvida na escolha da profissão, com problemas no relacionamento com seu esposo, o quanto se sentia prisioneira no casamento e sua posição consciente em não fazer escolhas, dificultando assim sua postura profissional e seu posicionamento dentro do lar. Tudo será vislumbrado nas várias sessões que serão expostas durante esse estudo de caso

Em uma próxima sessão Margarida apresentou-se agitada, estava muito maquiada, mas não aparentava estar bem, era como se a maquiagem fosse esconder seus sentimentos. Começamos o atendimento falando novamente sobre as profissões e ela citou que estava se sentindo muito triste. Perguntei o motivo da tristeza, e ela começou a chorar, afirmando não estar feliz com o que estava fazendo, que não se encontrou e que estava se “sentindo mal no casamento” (sic). Sentia-se uma “prisioneira” (sic), que queria poder interagir com os amigos, e sentia que isso não lhe era permitido. Não tinha amigos de faculdade e nem do trabalho anterior, o marido se apresentava sem interesse por essas amizades e ela acabava se distanciando para evitar brigas. Ela sempre se anulava para não ter brigas com o esposo. Tentei mostrar a ela que se anular era uma escolha, mas como todas as escolhas a pessoa deve arcar com as consequências da opção feita.

Conforme Ribeiro (2006), aqui-agora é o momento em que o paciente percebe-se em sua identidade, criando situações para o exercício de sua autonomia em escolher. Verifica-se que o aqui-agora de Margarida se apresenta com a opção de se anular frente ao esposo, esse momento dela surge sempre como uma opção de escolha pouco consciente, é como se quando seu esposo alterasse a voz, ela se desligasse de suas escolhas, querendo sempre se calar ou concordar com as opções impostas por ele. A cada sessão esse trabalho de empoderamento vai sendo realizado, apesar de a mesma defletir em alguns momentos, sempre fugindo de suas possibilidades.

Em uma dada sessão Margarida se mostrou com medo, mas empolgada por estar com duas clientes para tratamento diferenciado de pele, tendo que procurar um curso especializado para poder atender a essas usuárias. Em nenhum momento citou o marido. Percebi que esse ciclo do trabalho a renovou, apresentou-se motivada, perguntei se os planos de achar outro emprego estavam suspensos e ela afirmou que momentaneamente sim, pois tinha que estudar e desenvolver um bom trabalho para essas clientes. Em um determinado tempo citou questões sobre escolhas, que sempre gostava da opinião dos outros e falou que a última sessão

faltou porque tinha escolhido ficar na cama em casa, porque “se fosse ir para a sessão chorar era melhor chorar em casa” (sic), então resolveu faltar. Frisei a ela que as escolhas sempre eram dela, ela era a responsável, e que mesmo que ela escolhesse não escolher, ela já estava fazendo sua escolha. Notei que ficou pensativa.

Até agora os atendimentos são sempre voltados para as escolhas de Margarida. Ela apresenta muita dificuldade em tomar propriedade do seu dever de escolha e de como se portar frente as mesmas, sempre pedindo a opinião dos outros ou se anulando no momento de vislumbrar suas opções.

Apareceu uma nova oportunidade de trabalho, sendo esse voluntário, são palestras para casais na igreja a qual ela faz parte. Está muito interessada e estudou bastante. Disse que colocou seu nome como voluntária para todas que surgirem na igreja. Perguntei pelos seus pacientes da massoterapia, ela alcançou um bom atendimento, mostrou-me fotos dos resultados de suas pacientes do antes e depois, nesse momento estava alegre pelo resultado alcançado, mas continua com medo de não conseguir dar conta do que se propôs a fazer com essa cliente. Tem horas que diz ser capaz, mas diz “ter medo de ser uma farsa” (sic), diz que às vezes não acredita em seu trabalho. Margarida está se dando conta do quão importante são suas escolhas, está engajada nesse novo trabalho da massoterapia e nas palestras em que todos foram escolhas dela de trabalhar com essas novas opções.

Ela fez muitas reflexões sobre alguns atendimentos anteriores, quando disse que queria se permitir “ser foda” (sic), pois disse achar feio quem se acha o máximo, disse a ela que deveria se permitir “ser foda, sim”, pois ela estudou muito e trabalhou para fazer um ótimo trabalho. Falamos também sobre a auto sabotagem, ela viu que realmente deixa de se envolver nas coisas para não ter responsabilidades e cobranças, realmente se auto sabotando. Expliquei a ela que para qualquer trabalho que ela for se envolver, ela terá responsabilidades com o outro, citei que mesmo quem faz um trabalho estritamente automático em uma fábrica, vai ter responsabilidade no produto final, aquele que vai estar na mão do consumidor, que ninguém deixa de ter responsabilidades. Ao final da sessão frisei que a vida não é só felicidade, que podemos passar por dias mais tristes, conflitos, mas entendemos que isso é viver, passar por tudo que nos é oferecido no dia a dia, procurando escolher, sem deixar a vida passar. Foi quando ela citou que hoje estava muito cansada por causa de uma crise alérgica e teve consciência de que “escolhi me

levantar fazer as coisas em casa e vir para a terapia e foi compensador, porque estou me sentindo bem, sem peso na consciência por ter ficado na cama” (sic).

Margarida vem apresentando uma boa evolução. Está animada com a massoterapia, com o que vem se manifestando de trabalho e com as aulas da Bíblia, que está participando ativamente, sempre tendo um bom retorno. Apresentou-se muito empolgada com a possibilidade de viajar com o esposo e com mais dois casais. Estava com muitos planos e a sessão focou muito em como seria a viagem e o que iriam fazer e conhecer, estava feliz em poder sair de casa.

Na volta a terapia mostrou-se decepcionada com a viagem, não foi exatamente como esperava. Disse que teve muita confusão com os amigos, porque cada um queria fazer uma coisa e seu esposo ficava incomodado, em ter que ficar dando assistência a todos. Ele se chateava com o pessoal e não tomava nenhuma posição e descontava nela, com grosserias. Perguntei sobre sua postura com relação aos acontecimentos da viagem e novamente ela disse que se anulava para evitar maiores confusões.

Margarida sempre apresenta esse discurso de se anular frente suas opiniões dentro do casamento, sempre procuro frisar a necessidade de escolhas, mas vejo até agora que essas escolhas não conseguem se vincular ao casamento, em outros aspectos de sua vida, ela está começando a se dar conta da inevitabilidade de escolher. Dentro do casamento essa necessidade está surgindo, mas o medo que se apresenta ainda é maior do que a atitude de se posicionar.

Em uma determinada sessão Margarida se abriu falando que casou apenas porque “ele apareceu em um momento oportuno, em que ela estava se sentindo só” (sic). Citou o quanto ele é grosseiro, que a domina, ela sempre coloca a culpa dos problemas nele. Consegui mostrar a ela que a mesma se anulava em suas considerações no casamento para evitar confusão, fazendo assim com que ele dominasse a situação. A mesma afirmou que o casamento é uma troca e no dela isso não estava acontecendo. Voltou a disponibilizar currículo, está desinteressada pela massoterapia, pois o mês de julho foi um período fraco de trabalho. Desencantou-se com as palestras devido a um contratempo com o esposo, pois em uma delas, onde estava fazendo as apresentações, sem querer atropelou a fala dele e ele passou por ela e falou: “Você é uma merda! É a terceira vez que me deixa engolindo mosca!” (sic). Ela ficou arrasada nesse momento, principalmente porque algumas pessoas presenciaram a cena, a partir desse acontecimento ela vem

pensando no quanto ele a prejudica, no quanto ela está infeliz e que ele parece ficar feliz quando ela se anula. Disse que ele estava extremamente grosseiro, inclusive na frente dos outros. Citou várias brigas com muitos palavrões e grosserias e ela sempre se cala para evitar mais confusão.

As brigas estão sendo constantes no casamento. Em várias sessões ela se apresenta chorando muito, pois sempre diz estar se sentindo infeliz. Conversamos sobre as possibilidades de mudança. Disse que pensa em se separar, mas tem medo que sua situação fique pior, tanto financeiramente como de se sentir só. Não consegue se enxergar fazendo escolhas em sua vida, disse: “Tenho medo que as escolhas me façam sofrer” (sic). Perguntei se era por isso, que ela pedia a opinião de várias pessoas, quando tinha algum projeto, pois o que estava sendo apresentado durante a terapia era que ela não fazia suas próprias escolhas. Nesse momento ficou pensativa, mas acredita que a responsabilidade de escolher a faz ter medo de errar, que acha ser esse o motivo de nunca se empenhar em escolher. Pedi uma tarefa em que todo momento, que ela tivesse que escolher, até algo que ela relacionasse ser uma besteira, como exemplo escolher uma roupa, ela pensasse realmente no motivo de estar escolhendo aquilo e se essa escolha traria algum benefício para ela ou se era propício para aquele momento. Seria um pequeno exercício para ir aos poucos se apoderando dos momentos das escolhas, no início seria chato porque ela teria que refletir, mas aos poucos ela tomaria consciência de seus objetivos e as escolhas iriam surgindo com mais precisão.

Em um determinado encontro foram surgindo informações sobre seus relacionamentos no passado, falou sobre o relacionamento mais marcante que foi o anterior ao esposo, que a fez sofrer muito, após esse período disse que “queria aproveitar a vida” (sic), saía muito, ia a festas, ficava com alguns rapazes, mas nada sério, até que conheceu seu esposo, prometendo muito e fazendo muito por ela, coisa que o namorado anterior não fazia, ela disse “por causa do jeito organizado dele fui me deixando envolver, ele sentia ciúmes e era novidade para mim, pois meu namorado anterior nunca teve ciúmes” (sic). Disse que: “ele resolveu tudo do casamento, não me envolvi em nada, nem queria pensar nisso, mas ele fazia questão de tudo” (sic), questionei a ela, se ela prestou atenção que nem na festa de casamento ela se posicionou, que ele sempre fazia as escolhas...ela ficou pensativa e disse: “acho que errei desde o início... nunca escolhi nada...nunca me posicionei em nada!” (sic). Pontuei a ela que não era questão de erro, era questão de escolher,

tomar propriedade de suas escolhas, ela falou: “é... ele tem o jeito dele e eu nunca me posicionei...agora está difícil!” (sic), perguntei qual o motivo de estar difícil agora? Ela disse: “já passou muito tempo e não tenho dinheiro para me impor!” (sic) perguntei se só pode se impor quem tem dinheiro, “não é isso, mas já passou muito tempo e com dinheiro eu poderia sair de casa” (sic) Perguntei: “Você quer sair de casa?”, ao que ela responde que “às vezes penso nisso! Mas não quero voltar para a casa de meus pais” (sic). Pedi que ela fizesse um exercício, visse as possibilidades de se impor no relacionamento, que não fosse para brigar, mas que ela tomasse mais partido nas escolhas. Ela saiu inspirada a pensar e disse: “caiu à ficha que eu tenho que me posicionar!” (sic).

Quando Margarida fala: “caiu à ficha que tenho que me posicionar!”, a vejo entrando em awareness que de acordo com Ribeiro (2006), é um dar-se conta de quem se é quase ser o que se é, uma ligação agradável do ser e do estar no aqui e agora do Homem, pois awareness supõe-se como um procedimento frequente de identificar-se como pertencente ao mundo e no mundo.

Dessa forma podemos perceber que Margarida esta entrando em awareness, ela está se dando conta de suas possibilidades. Do quanto é importante se enxergar como legitimamente fazendo parte do mundo, onde as escolhas trazem angústias, mas devido a essas angústias nos vemos vivos e vivendo, não apenas sobrevivendo, como ela vinha fazendo, no qual ela sempre se deixava levar pela nulidade frente ao esposo, pois acreditava que dessa maneira salvaria seu casamento, mas esse posicionamento lhe trazia grande infelicidade, chegando ao ponto da mesma se autodiagnosticar com depressão.

Ainda não se pode vislumbrar a alta de Margarida, há a necessidade contínua de trabalhar seu empoderamento frente a suas escolhas, pois a mesma ainda encontra dificuldades em se fazer ouvir e de se posicionar. Além do mais, ela ainda não consegue dar-se conta plenamente de si, o que deve ser aprofundado em outras sessões, ampliando a sua percepção quanto suas atitudes frente as possibilidades de escolhas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa oportunidade de aprendizado que todos do curso pudemos presenciar com as experiências dos atendimentos na Clínica Integrada do UNI-RN, proporcionaram momentos de grande conhecimento, tanto para mim, como para todo o grupo de orientação da Gestalt-terapia. Acrescentando ao curso um período de significação sobre a compreensão acerca do campo de atuação do psicólogo.

Esse período que passamos na clínica escola foi de suma importância para que eu adquirisse o conhecimento de como é a atuação de um psicólogo, pois pude vivenciar na prática todas as dificuldades, vitórias, dúvidas, acertos e correções de erros.

De início me sentia insegura e às vezes até temerosa na maneira de aproximar-me dos pacientes. Esses sentimentos foram ao longo do tempo diminuindo à medida que fui adquirindo mais conhecimento sobre a Gestalt-terapia, me tornando cada vez mais segura na maneira de atuar na abordagem.

Durante meu estágio pude criar vínculos com os pacientes e acompanhar todos os resultados da aplicação da terapia, que me foi ensinado na teoria durante as aulas e durante os encontros com minha orientadora. Foi altamente gratificante compartilhar com meus pacientes as suas vitórias, embora algumas vezes pequenas, e também me fizeram refletir sobre alguns resultados que não saíram como o esperado.

Com tudo isso a atividade prática de psicoterapia foi uma experiência altamente importante para minha formação, pois através dela tive a real noção do que é ser psicólogo clínico e sua atuação frente ao paciente.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Mônica Botelho. Awareness: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, Lilian Meyer e FUKUMITSO, Karina Okajima. **Gestalt-terapia, v. 2: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30.
- ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Psicoterapia Existencial**. 4. ed. São Paulo: Thomson Learning Brasil, 2007.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSO, Karina Okajima. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v.02. p. 104-130
- CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.
- EWALD, Ariane P. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **SCIELO**, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n2/v8n2a02.pdf>> Acesso em 30/03/2017.
- MENDONÇA, Marisete Malaguth. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSO, Karina Okajima. **Gestalt-terapia, v. 1: fundamentos epistemológicos e influencias filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 76-98.
- PENHA, João da. **O que é Existencialismo?**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção primeiros passos, v. 61).
- PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- REHFELD, Ari. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer e FUKUMITSO, Karina Okajima. **Gestalt-terapia, v. 1: fundamentos epistemológicos e influencias filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 24-33
- RIBEIRO, Jorge P. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestaltt-terapia:** conceitos básico. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, Hugo Elidio. **Introdução a Gestalt-terapia:** conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

